



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**CECÍLIA POESIA LEAL E LIMA**

**CORPO E PSICANÁLISE: INSCRIÇÃO DO DESEJO NO BALLET  
CLÁSSICO**

**CAMPINA GRANDE  
2024**

**CECÍLIA POESIA LEAL E LIMA**

**CORPO E PSICANÁLISE: INSCRIÇÃO DO DESEJO NO BALLET  
CLÁSSICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732c Lima, Cecilia Poesia Leal e.  
Corpo e psicanálise [manuscrito] : inscrição do Desejo no Ballet Clássico / Cecilia Poesia Leal e Lima. - 2024.  
18 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.  
"Orientação : Prof. Dr. Edivan Gonçalves da Silva Júnior, Departamento de Psicologia - CCBS. "  
1. Corpo. 2. Ballet clássico. 3. Linguagem. 4. Pulsão. I.  
Título  
  
21. ed. CDD 150

CECÍLIA POESIA LEAL E LIMA

CORPO E PSICANÁLISE: INSCRIÇÃO DO DESEJO NO BALLET  
CLÁSSICO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
de Bacharelado em Psicologia da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia.

Aprovada em: 28/06/2024.

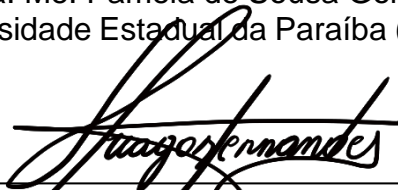
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Pamela de Sousa Gonzaga  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho de conclusão de curso, à minha mãe, meu pai, meu irmão, meu namorado e à toda a minha família, por todo empenho e dedicação.

“Falo com meu corpo, e isto sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei. É aí que chego ao sentido da palavra sujeito no discurso analítico. O que fala sem saber me faz eu, sujeito do verbo.”

*Jacques Lacan*

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	6
2	METODOLOGIA.....	8
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	8
3.1	O corpo na psicanálise: entre a pulsão e a linguagem.....	8
3.2	O corpo no ballet clássico: (des)encontros com a psicanálise .....	12
4	CONCLUSÃO .....	15
	REFERÊNCIAS .....	15
	AGRADECIMENTOS .....	16

# CORPO E PSICANÁLISE: INSCRIÇÃO DO DESEJO NO BALLET CLÁSSICO

## BODY AND PSYCHOANALYSIS: INSCRIPTION OF DESIRE IN CLASSIC BALLET

Cecília Poesia Leal e Lima<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho buscou apresentar a relação entre o ballet clássico e a Psicanálise através das leituras que esta última traz sobre o corpo. O conceito de corpo pulsional mostrou-se fundamental para a realização das reflexões desenvolvidas, assim como os conceitos de desejo, inconsciente e sublimação, dentre outros. Metodologicamente, desenvolveu-se uma revisão bibliográfica, do tipo narrativa, com ênfase nas produções em Psicanálise de orientação Freud-Lacanianana. Acessando a literatura sobre o tema, foi possível se aproximar de definições teóricas que abordam a constituição do sujeito na psicanálise a partir do corpo, na direção de pensar em vários determinantes que estão envolvidos nessa constituição, olhando com especial atenção para o ballet clássico e de como ele pode ser um elemento fundamental e complementar para um outro olhar e para uma outra relação com esse corpo que fala e se movimenta e que está sempre a postos para dizer de algo. Essa é uma relação complexa e que merece aprofundamento, no sentido de considerar o corpo que dança como uma expressão e uma linguagem atravessadas pelo inconsciente.

**Palavras-Chave:** corpo; ballet clássico; linguagem; pulsão.

### ABSTRACT

This work sought to present the relationship between dance and Psychoanalysis through the readings that the latter brings about the body. The concept of instinctual body proved to be fundamental for carrying out the reflections developed, as well as the concepts of desire, unconscious and sublimation, among others. Methodologically, a bibliographic review was developed, of a narrative type, with an emphasis on productions in Psychoanalysis with a Freud-Lacanian orientation. By accessing the literature on the subject, it was possible to approach theoretical definitions that address the constitution of the subject in psychoanalysis from the body, in the direction of thinking about various determinants that are involved in this constitution, looking with special attention to classic ballet and how it can be a fundamental and complementary element for another perspective and for another relationship with this body that speaks and moves and is always ready to say something. This is a complex relationship that deserves further study, in the sense of considering the dancing body as an expression and a language permeated by the unconscious.

**Keywords:** body; classic ballet; language; instinct.

## 1 INTRODUÇÃO

*Recordo e resgato na memória o momento em que o balé clássico entrou em minha existência tempo e corpo-espaço, aos 8 anos de idade, e lembro daquela criança que ainda nem sabia o que seu corpo escreveria e transbordaria (en)cena, aquilo que limitaria as possibilidades da fala. Durante a inauguração da escola, ainda com os cabelos soltos e sem o figurino que daria cor e personalidade à bailarina que ali começava a se dar conta do seu desejo ainda nem percebido, toquei e transpassei os limites do dizer, ao tocar o piso no qual, posteriormente, inscreveria com o corpo as intensidades e os*

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia. Email: cecilia.lima@aluno.uepb.edu.br



*conteúdos que a linguagem não seria suficiente para transpor. Nesse processo, nasce uma atitude e uma escolha fundantes de um novo sujeito: daquele que se apropria do seu próprio corpo, em objetivo e em desejo, e que anuncia personagens que inscrevem desejos fundantes do ser, em diferentes nuances e performances.*

Cecília Poesia Leal e Lima

Este trabalho objetiva estudar a relação existente entre corpo, ballet clássico e Psicanálise, de modo a apresentar articulações entre eles, na direção de refletir sobre o que os vincula para que se encontrem e se fundamentem. O interesse por desenvolver essa relação nasceu da experiência da autora com o ballet clássico, desde a infância. O encontro da mesma com o curso de Psicologia e, especialmente, com a Psicanálise, provocou o desejo de refletir sobre o ballet clássico, na perspectiva do corpo e no que a Psicanálise contribui para pensar sobre ele.

Para desenvolver a temática aqui proposta serão debatidos ao longo do trabalho os conceitos de pulsão e de corpo pulsional. Autores como Freud (1915; 1923), Lindenmeyer (2012), Taffarel (2023), dentre outros, constituem-se como importantes referências para que fosse construída a compreensão entre corpo e pulsão. Previdello et al. (2019) também foi uma referência importante para se pensar essa relação, quando vai trazer a noção de corpo erogeneizado, que, como se verá adiante, tem toda uma vinculação com o Outro.

Nesse sentido, em se tratando de um corpo representado, um corpo pulsional, Freud (1895/1896 apud MACÊDO, 2021) aponta que nesse corpo investido de pulsões, se constroem representações que são o resultado de percepções corporais, reordenados e ressignificados em memórias, sensações e em uma posterior representação. Isso diz de um corpo que não apenas está como vitrine de algo, mas que também sente e significa, por vias de uma outra linguagem. Nesse sentido, se apresentam as representações simbólicas e as possibilidades de nomeação do que é experienciado, na perspectiva de dar vida a um corpo que, em princípio, era apenas um pedaço de carne. Ainda sob o ponto de vista de um corpo movido pelas pulsões, Lazzarini (2006) afirma que “o conceito de pulsão foi concebido como algo fundamental que ancora o psiquismo no corpo, isto é, o registro psíquico não seria apenas algo da ordem, da idealidade, mas movido pelas pulsões”.

Para dar continuidade à temática, buscou-se estudar conceitos fundamentais que permeiam a relação entre corpo e psicanálise, como libido, desejo e inconsciente; e refletir acerca da relação entre o corpo inscrito no ballet clássico, tendo como base a teoria psicanalítica, considerando contribuições de Freud e Lacan. Mendes (2011) contribui para se pensar a relação entre corpo e ballet clássico, ao trazer o conceito freudiano de sublimação, sendo esta uma das vicissitudes específicas da pulsão, como será mencionado no tópico 2 deste trabalho. E, dissertando sobre esse corpo inscrito no ballet clássico, Mosé (2009) traz a seguinte sentença que disserta sobre o que o ballet é capaz de fazer no corpo e diz de um fazer da ordem do não dito, mas do sentido e experienciado no corpo: “a linguagem separa e o corpo junta, minha primeira relação com o conhecimento é física, pois depois que sou tomada de alguma perplexidade, eu ganho um movimento que vai ser traduzido em linguagem, mas isso é menor que a sensação” (apud FAGUNDES, 2022).

Voltando à epígrafe que abre essa introdução e que fala da experiência da autora com o ballet clássico, a relação entre corpo e pulsão foi e é uma possibilidade e uma realidade, o que evidencia que, no que diz respeito ao ballet, há um acontecimento que pode ser pensado à luz da relação entre corpo e psicanálise, que é o eixo central deste trabalho.

Nesse sentido, pode-se indagar: o que o corpo possibilita que aconteça no ballet clássico? E, como o ballet clássico pode se relacionar com esse corpo, sob a perspectiva psicanalítica? Essas e outras questões serão abordadas neste trabalho, no qual o corpo, também entendido como linguagem, será significado e pensado em sua relação com o ballet e com aquilo que a Psicanálise pode dizer e contribuir para

a compreensão dessa relação.

## 2 METODOLOGIA

O estudo realizado é uma revisão bibliográfica, do tipo narrativa, e pode ser embasada teoricamente, através da proposição de Gil (2002), que diz que a mesma se caracteriza por ser desenvolvida através de materiais já existentes, constituídos principalmente de livros e de artigos científicos. Nesse sentido, o que se observa de vantajoso na pesquisa bibliográfica em relação a uma pesquisa feita diretamente, é que há uma quantidade de referências muito maiores e muito mais espaçadas do que teria, caso a pesquisa estivesse sendo feita pela primeira vez.

A revisão do tipo narrativa é aquela que não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Também se caracteriza por não aplicar estratégias de busca sofisticadas e exaustivas, podendo então a seletividade de estudos e a interpretação de informações, ligadas à subjetividade do autor, sendo indicada, portanto, para o uso em artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso (ROTEIRO, 2007).

A metodologia utilizada no presente artigo fez uso de artigos, monografias, periódicos e revistas acadêmicas, para que a pesquisa de referencial bibliográfico pudesse ser efetuada. A busca foi organizada em dois eixos principais: a relação entre corpo e psicanálise; relação entre corpo, psicanálise e ballet clássico.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 O corpo na psicanálise: entre a pulsão e a linguagem

“Sonhar o desconhecido do próprio desejo, fazer um novo corpo a partir daí” (BERBERT, 2021).

Essa enunciação inicial proposta por Berbert (2021) elucida sobre o desejar aquilo que não se conhece e não se controla, mas que é evocado pela falta. Lindenmeyer (2012) aponta e define, com base em Freud, o corpo como sendo resultado de um lugar de marcas de inscrições do inconsciente que remontam experiências anteriores infantis e que, mais a frente, encontrarão palco para se manifestarem, de forma pulsional no encontro à satisfação que será sempre parcial. Nesse sentido, pode-se relacionar com o que Freud aponta sobre o desejo primordial e fundante do bebê, sobre os primórdios da sexualidade infantil, que é polimorfa por apresentar diversas possibilidades de objetos de desejo e objetos pulsionais e que alucina como resposta à satisfação de seu desejo, ao ser alimentado por sua mãe, apresentando-o como uma satisfação desejante de uma necessidade que ora foi suprida (TAFFAREL, 2023).

Nessa perspectiva, como diz Clarice Lispector em “Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo” A Hora da Estrela (LISPECTOR, 1977, p. 16), ao mesmo tempo em que se escreve, também se inscreve na linguagem do corpo e da fala, o desejo de se colocar e de se ser desarmado, diante das intensidades que o desejo implica ao sujeito. Apontando para essa perspectiva, aquilo que demanda no corpo, denuncia e anuncia o que a linguagem não supre. O corpo transborda suas bordas e atravessa seus limites, e a fala é transpassada pelo corpo, como diz Lacan ao teorizar acerca do gozo e dos limites que a linguagem impõe para o sujeito, na tentativa de falar a respeito da pulsão que, por sua vez, ocupa esse lugar de borda e estabelece um limite entre o somático e o mental (PREVIDELLO et al., 2019). Para Freud (1996, p.124), a pulsão se caracteriza por apresentar “uma força sempre constante, cuja fonte é necessariamente interna, atributo essencial à sua diferença da pressão no campo biológico, cuja fonte é externa e momentânea”.

Nesse sentido, em “*As pulsões e seus destinos*” (1915), Freud aponta para as

pulsões como sendo uma força constante e que essa força é interna. Nessa força, há uma relação limítrofe entre necessidade e satisfação. Freud (1915) ainda direciona para uma relação pulsional, que é oriunda de diversos estímulos diferentes e que esses estímulos podem ser internos ou externos. Para ele, os estímulos externos são aqueles em que o sujeito é capaz de se afastar, através de uma ação muscular. Já os estímulos internos são aqueles em que, mesmo que haja essa ação muscular direta, o estímulo é incapaz de ser modificado ou paralisado. E é sobre esse tipo de estímulo que a pulsão se debruça, se dedica e se apresenta. Nesse tipo de estímulo, há uma exigência ao sistema nervoso muito maior, que o induz a atividades mais complexas e que são capazes de modificar um estímulo externo, a fim de satisfazer o estímulo interno. Dessa maneira, conclui-se que são as pulsões e não os estímulos externos, os responsáveis por impulsionar os avanços que conduzem ao sistema nervoso, no que tange a sua incessante capacidade de realização e de satisfação no sujeito (FREUD, 1915).

Em se tratando da pulsão, é possível entendê-la se correlacionando com quatro termos específicos: pressão, meta, objeto e fonte da pulsão. Quando se fala de pulsão por pressão, se fala de uma pulsão motora, como soma de força. Já caminhando pela perspectiva da pulsão por meta, fala-se de uma pulsão que tem como meta, a satisfação. A pulsão por objeto se relaciona à pulsão que, através de algo, podendo ser um objeto ou até mesmo uma parte do próprio corpo do sujeito, é passível de se manifestar, alcançando a sua meta de tornar possível a satisfação. E, essa satisfação pode ou não transitar para diversos destinos, atribuindo os mais diversos papéis e podendo, o objeto, satisfazer as mais diversas pulsões. Por fim, o que é conhecido como fonte da pulsão, se liga ao processo somático, em algum órgão, tendo o estímulo representado na vida anímica, através da pulsão (FREUD, 1915).

A teoria da pulsão em Freud é dividida em duas tópicas. Assim, Freud aponta na primeira tópica sobre as pulsões que elas são definidas em dois grandes grupos: 1. as pulsões sexuais e 2. as pulsões do Eu, de autopreservação. As pulsões sexuais se caracterizam por serem numerosas, advirem de múltiplas fontes orgânicas, agem de forma independente e, só depois, se reúnem e apresentam uma versão mais robusta e finalizada. Já as pulsões do Eu se caracterizam por poderem ser substituídas umas pelas outras e por poderem, com facilidade, trocar seus objetos e possuírem a capacidade de se realizarem em distância às ações originais, destinadas a outros lugares, como é o caso da sublimação. E, em se tratando dos destinos das pulsões, destinos esses que podem estar ligados à defesa contra as próprias pulsões, como também podem inverter os conteúdos por ela abordados, Freud aponta que elas podem se dirigir para: 1. a reversão em seu contrário; 2. sublimação; 3. recalque e 4. o retorno em direção a si próprio (FREUD, 1915).

A segunda tópica apreende um período crucial no desenvolvimento da obra freudiana em que o psicanalista irá demarcar dois conjuntos de pulsão: pulsão de vida e pulsão de morte (FREUD, 1920). É tratado como pulsão de vida, a pulsão sexual, que sempre está tendendo à satisfação de um prazer, enquanto que a pulsão de morte, ligada à pulsão do Eu, se relaciona com a via não sexualizada, segundo Penna (2003, p. 66):

A pulsão, em sua exigência incessante, promove o trabalho significativo do inconsciente e, ao mesmo tempo, aponta para o limite do que aí se constitui como saber. É esse limite que vem franquear a noção de pulsão de morte, um conceito que, obtido da compulsão à repetição, abrange o conjunto dos fatores que fazem obstáculo aos remanejamentos inconscientes da metáfora e da metonímia, regidos pelo princípio do prazer. O conceito de pulsão de morte é indicativo de uma zona silenciosa que faz limite às possibilidades infinitas da rememoração e, por conseguinte, aponta para o limite da dimensão clínica da interpretação, solicitando uma outra operação, a "construção" em análise. (apud PREVIDELLO et al, 2019).

Diante do exposto, ao falar de pulsão, se destaca também a discussão acerca da infinita possibilidade de objetos que essa pulsão pode se manifestar e se destinar, como em alguma parte do próprio corpo do sujeito. Sendo assim, Freud (1923) disserta que, o Eu é, em sua origem, um ser corporal, que anuncia no corpo aquilo que a linguagem não consegue alcançar, que nomina a fala sobreposta ao que o corpo transpassa, em resultado ao ato de calar. Isso porque o sujeito se funda nas experiências sensoriais e se enlaça nas trocas presentes na relação com a alteridade, com a diferença. É nesse sentido que se fala sobre um corpo pulsional, ao qual Previdello et al. (2019) explicam que é um trabalho psíquico que constrói um corpo erogeneizado, marcado pelos “cuidados físicos de um outro que inscreve afeto, afetando o corpo para além de um aplacamento fisiológico necessário à sobrevivência do humano” (p.169), através da relação entre pulsão e corpo biológico. Firma para um entendimento onde o outro-cuidador coloca a entrada do corpo biológico, da carne, para as vias de um sentido que é possibilitado pela existência de um outro.

É a partir desse momento que nasce o corpo psicanalítico, que tem o inconsciente e o sexual sendo atravessados pela linguagem e que, diferentemente do corpo biológico e bem definido, este corpo a que se fala, tem a lógica dada pelo erotismo e que também é regulada pelo desejo. A partir desse momento, há de se configurar um corpo erótico, narcísico e sexual, atravessado pelas pulsões, que estão para além de um Outro, mas que se realiza em si próprio, tendo a visão de que o corpo é uma ponte alternativa para aquilo que se quer ser dito, através da linguagem, que não é definitivo, mas que insere o sujeito nesse processo fundante da vida (LAZZARINI, 2006).

Nesse momento, ele aponta para um corpo como não sendo nem somático e nem biológico, mas sim um corpo pulsional, marcado pelas pulsões, que se caracterizam como forças constantes, e que, agora, possui uma visão da fantasia como sendo algo não mais traumático, mas como símbolo e como fruto erotista. Dessa forma, o corpo pulsional também é base e matéria-prima para a construção de um corpo narcísico, que tem a unidade do corpo sempre refém e ligada a um grande Outro, sempre “à espreita”. Essa visão da fantasia e da sexualidade como não sendo apenas para relatar episódios traumáticos, vem do discurso das históricas, onde Freud escuta em seus discursos, acerca da *“sedução precoce, por um adulto”*, e que aponta agora não apenas para uma conotação traumática ou patógena, mas como algo advindo do desejar e que esse desejar está para além do desejar o Outro, mas que também se entrelaça na própria necessidade sexual, a que se pode chamar de libido.

Caminhando nessa mesma perspectiva, Sollero-de-Campos (1998 apud FAGUNDE, 2022) aponta para a ideia de que os silêncios que se instauram e se firmam no discurso, dizem de um corpo marcado por esses silêncios de fala, nesse intervalo existem vozes no corpo, que anunciam uma resposta, por vezes mortífera, daquilo que não se manifesta na fala. Assoun (1995, p.177), por sua vez, aponta para uma corporificação do sintoma que, estruturalmente, a psicanálise induz para uma neurose histérica, na qual o sujeito se depara e se dedica a inscrever no corpo tudo aquilo que não é possível de se elaborar e de se estruturar na fala.

Freud (1893-1985) nos seus estudos sobre a histeria aponta como aquela que se estrutura pelas vias da Teoria da Sexualidade. Foi no seu artigo sobre *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos”*, sendo essa a que apenas se desenvolve mediante uma experiência traumática, que se manifesta no corpo, através da repetição. A cada situação que o sujeito passa, que possa remeter àquele trauma antes vivenciado, o corpo está marcado pelo encontro do sujeito com o sexual e, por isso, muitas vezes, não consegue expressar sua linguagem através da fala, se manifestando através da linguagem do corpo, das corporeidades.

Nessa perspectiva de corpo e da sua relação com os três registros - real, simbólico e imaginário -, Lacan (1948 apud STERNICK, 2010), ao falar de corpo, aponta para um corpo que é experienciado e vivenciado pela criança. Àquele que é

esfacelado e que vai tomando forma, lentamente, a partir da passagem de três momentos que o *infans* se submeterá, nesse processo de constituição do Eu, através do estado de espelho em um primeiro momento, que é o do estranhamento de si, da sua própria imagem; o segundo, que se refere ao processo de transitoriedade e o terceiro momento, marcado pelo reconhecimento do seu próprio reflexo, respeitando a identificação, construção e constituição dessa imagem de corpo, criada pelos próprios sujeitos, revelando o que, nessa trajetória, pôde se constituir ou que ficou congelado nas paredes da memória. E que, o que se apresentou como vivência congelada, por vezes pode ser prejudicial, mas por outras pôde ser essencial para a constituição do Eu. Acerca dos três momentos vivenciados pelo *infans*, aponta-se para um momento que é experienciado pelo bebê, no seu período de vida entre o 6º mês e o 18º mês e que ele o divide em tempos chamados de “lógicos”. O primeiro tempo se configura como um estágio em que o bebê apenas enxerga o Outro. No segundo tempo lógico, o bebê já passa a enxergar além do Outro, pois observa que o Outro enxergado, na verdade é o olhar que o próprio sujeito tem sobre esse Outro. E, por fim, o terceiro tempo vem para anunciar ao bebê que, na verdade, aquela imagem vista e reconhecida, é ele próprio, em seu estágio de espelho e essa elaboração é fundamental para a constituição do Eu (STERNICK, 2010).

Diante desse viés, há uma estreita relação entre corpo e linguagem, sendo inclusive o corpo, um objeto pelo qual a linguagem pode se expressar, como já dito previamente. Dessa forma, percebe-se a importância da linguagem para o sujeito, aponta-se para as denominações e formações do inconsciente que também pode ser absorvendo, reprimindo ou recalando, situações e traumas já experienciados previamente. Isso é explicado por Lazzarini (2006), quando ela diz que “as pessoas, ao falarem, dizem mais do que imaginam estar dizendo” (p. 243). Ao sujeito que não expressa através da fala, o coloca através do corpo e é sobre esse corpo falado que se investirá a atenção. É sobre esse mesmo corpo, que se mostra algo desse sujeito, através do sintoma de cada um. Nesse sentido, Freud passa a enxergar que, no Estatuto do Corpo na Psicanálise, há um rompimento com a medicina com a definição do que representaria essa histeria, quando ele aponta que o corpo tomado como objeto da medicina não é o mesmo corpo que se apresentaria como histérico é porque a psicanálise viria abordar a pulsão que escapa aos desígnios do campo biológico e, portanto, não há garantias para o que este corpo irá apresentar. Lazzarini (2006), também traz o corpo em três dimensões e o define como: 1. Corpo Psíquico, que é aquele que se dá o trabalho de ser, simbolicamente, representado através de algo; 2. Corpo Erógeno, que é o corpo da Psicanálise e que diz ser aquele que se insere na linguagem, na memória, na significação e na representação para o sujeito, acerca daquilo que o cerca, o fundamenta e o faz ser um ser desejante; 3. Corpo Biológico, dedica-se a ser somente o corpo da pura necessidade.

Na contemporaneidade fala-se muito de um acontecimento de corpo e que se refere à tríade: corpo, organismo e carne. Christian Dunker (2017) debate acerca do que representaria as diversas manifestações do sujeito no corpo, ele aponta para os três tempos: real, simbólico e imaginário. Para Dunker (2017), o sujeito quando encontra seu corpo para o simbólico, mira para o acontecimento de corpo que se realiza a partir da angústia e que pode ser identificado pela realização de tatuagens ou a colocação de piercings, por exemplo, e que se refere a expressão dessa dor e dessa angústia, através das pequenas mutilações de corpo e, conseqüentemente, de identidade. Para além disso, o sujeito também se prostra ao extremo da expressão da angústia no corpo e que é a passagem ao ato pelo *cutting*, por exemplo, que se configura como uma automutilação, na tentativa de discorrer, simbolicamente, sobre o que o imaginário projeta sobre o seu real. É uma tentativa de tornar a angústia, que não é algo palpável e de fácil acesso, em dor e em um conseqüente estar às vistas e às voltas desse domínio do que vê e do que sente. São tentativas de utilizar o corpo para a realização do ciframento. Em se tratando da simbolização do tempo real, o sujeito fala através do corpo, pelas inquietações, tiques e outras representações, que

direcionam o olhar para um exagero programado para a fala corporificada, através do inconsciente. E, em se tratando da personificação do imaginário nas realizações de corpo, o sujeito possui estranhamentos com o próprio corpo, pois não reconhece sua identidade nele.

Lazzarini (2006), por sua vez, aponta para uma definição de corpo, que é autoerótico, fragmentado e que, pulsionalmente - momento em que o sujeito tende, desejando, para uma meta, perspectiva, a partir do desejo que se instaura e que se funda - se fragmenta e se transforma em um corpo unificado pelo narcisismo. Lazzarini (2006, p. 245) afirma que:

O termo auto-erotismo aparece em Freud, nos Três ensaios..., para caracterizar um estado original da sexualidade infantil anterior ao narcisismo, no qual a pulsão sexual, ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo. Freud faz, neste texto, um exame minucioso do ato de chupar o dedo, atividade que aparece na primeira infância e que pode se prolongar por toda a vida da pessoa. Freud liga esta atividade à própria satisfação sexual. A concepção de auto-erotismo se identifica, assim, com o prazer retirado da manipulação do órgão (boca, língua, mucosa anal, etc.) e revela a dimensão do sexual centrada no indivíduo, ou seja, numa mesma região do corpo a fonte e o objeto da satisfação estariam presentes e se fundiriam.

Quando se fala em narcisismo, nessa ligação direta com o corpo, direciona a ideia para a definição de que “o corpo é um momento necessário, mas não um princípio constituinte” (ASSOUN, 1995, p.177), tendo a visão de que o corpo é uma ponte alternativa para aquilo que se quer ser dito, através da linguagem, que não é definitivo, mas que insere o sujeito nesse processo fundante da vida.

Ainda nessa perspectiva de um corpo narcísico, Lazzarini (2006), discorre acerca do narcisismo dividido em duas etapas: o primário, que se configura como sendo o lugar onde o sujeito não reconhece a existência do Outro e que se liga ao princípio do prazer e o secundário, que se fundamenta no princípio da realidade e que reconhece a existência do Outro. Neste último, o superego se faz presente constantemente, pois o sujeito se reconhece em si, reconhece o Outro e se dá conta dos limites que são postos e estabelecidos nessas condições e nessas relações. E isso, para a psicanálise Freud-Lacanianiana, só se torna possível mediante a passagem do sujeito pelo Complexo de Édipo e pelas leis da castração, que circulam e estão às voltas da constituição e da complexidade do sujeito. Nesse sentido, o primeiro momento em que o sujeito tem um encontro com a castração é o momento em que há o desligamento uterino, da sensação de estar sempre nesse local de proteção e de posse da sua mãe, seu objeto a, de desejo inicial. É aí que se firma essa primeira passagem do sujeito com os bloqueios que a relação corpo, sujeito e acontecimento, lhe coloca.

### **3.2 O corpo no ballet clássico: (des)encontros com a psicanálise**

Em se tratando da relação corpo e ballet clássico, na trajetória de um sujeito que vive as intensidades do corpo e expõe nele o que não é possível simbolizar na fala, diz de uma relação muito singular e vivencial daquilo que se quer expressar, para além da linguagem falada. A dança, em específico o ballet clássico, tem uma singularidade identitária, que expressa os limítrofes pulsionais do sujeito, entre uma constituição de meta e de objeto. Fala-se de um corpo que não acontece sozinho, mas que precisa que exista e que se efetive através de uma relação entre corpo, pulsão e movimento, para que se manifeste. Ele, por si só, não é causa de acontecimento, mas sem ele como matéria-prima de expressão de desejo, ou fonte das pulsões, não seria possível o desejar. É também com o auxílio da linguagem que o corpo que está sempre às voltas, já que a linguagem impõe o princípio da

alteridade num corpo que é falante (LAZZARINI, 2006).

Em se tratando de um corpo no qual a psicanálise está disposta e inclinada a escutar, fala-se de um corpo que foge ao controle da razão, Barbosa, Neto e Rocha (2013, p.7) apontam que o corpo:

foge ao controle da razão, é objeto de mal-estar; nossa relação com ele é sempre tensa. O corpo que se apresenta tão bem cuidado, e aquele ignorado pelo sujeito, compõem dimensões do psíquico, consciente e inconsciente. A psicanálise se interessa por esta última, objeto do recalçamento, e propõe a palavra como recurso capaz de fazer falar a dimensão não representada. [...] o corpo funciona como metáfora, seu não-lugar é o não-lugar do sujeito; apreendê-lo é um trabalho interminável.

Nesse sentido, quando se diz do corpo inconsciente, àquele pela qual a psicanálise se implica em estudar, se diz de um corpo marcado pelos ditos e não ditos, e pelo antecipar nesse objeto de desejo – o corpo -, aquilo que o inconsciente deseja explorar.

Diante do exposto, Lacan (2005 apud STERNICK, 2010) aponta para a significação da pulsão que está para aquela energia que nunca cessa e que há um desejo pelo objeto a, pelo que não se pode alcançar. Isso pode ser visualizado na seguinte proposição: “as Pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer” (Lacan, 2005, pg.18 apud STERNICK, 2010). O sujeito goza sob aquilo que não consegue ter e opera seu desejo a partir dessa falta. Nesse viés, o corpo pulsional é autoerótico e narcísico, já que ele encontra prazer em sua própria condição e é saciado parcialmente pela sua imagem, e nasce do corpo somático, daquilo que está inscrito no corpo, do que não consegue se apresentar na fala do sujeito.

Trazendo essa proposição para a relação com a dança, em específico a dança clássica, traz o sujeito para um lugar de incessante falta, que é inscrito no corpo do bailarino, quando dança e, através disso, ultrapassa as barreiras do acontecimento de corpo e se desdobra no campo do imagético. Porém, perpassa pelos três registros ao qual se debate aqui: o real, o simbólico e o imaginário.

O real, sendo definido como o impensável e o impossível de ser simbolizando, no ballet, ele possui outra conotação e ocupa um outro lugar e que é o lugar de dizer, no corpo, na linguagem corporal, aquilo que é incapaz de ser dito nas linhas da compreensão lógica. Por sua vez, o simbólico é identificado como sendo o sentido que o corpo dá vida, repleto de significados e de significantes, sendo esse tempo do inconsciente, o mais interessado para o ballet clássico, já que o mesmo é uma arte destinada ao ensaio da vida, no corpo, inscrevendo nele o belo e o que faz vista a quem consome sua singularidade. Ao mesmo tempo que, exprime a relação tênue entre o significado das pulsões e da sublimação para o ser que dança e que fala de um lugar de realização e de falta. Quando se fala de sublimação se fala de algo que “consiste, pois, numa das vicissitudes específicas da pulsão, sendo esta um estímulo mental constante, com renovável poder de pressão, que visa satisfazer-se” (MENDES, 2011). E que, na dança, aparece como sendo algo que está destinado a pulsionalmente, se inscrever no corpo, mesmo que de forma negativa ou mesmo que implique em uma pulsão de morte. Nesse viés, Freud (1905/2010) aponta a sublimação como sendo:

A sublimação é caracterizada como uma aquisição do período de latência, período em que a criança, na sua condição perverso-polimorfa, atravessa seu desenvolvimento libidinal. Nessa fase, as moções sexuais infantis seriam desviadas, por meio da sublimação, de seu uso propriamente sexual para outros fins. Os importantes empreendimentos culturais, entre os quais se encontram as atividades artísticas, surgem a partir das moções sexuais

Esta proposição apontada anteriormente, pode ser efetivada pelo que o bailarino sente, vive e (en)cena em palco, através do que o bailarino Rudolf Nureyev, diz: “Danço melhor quando estou cansado, se já perdi metade do fôlego sei que vai sair tudo certo, os músculos responderão.”. Isso, diz de um investimento pulsional e libidinal e que tange a uma pulsão de morte, mas que faz o sujeito-bailarino gozar dessa constante inconstância e do chegar ao extremo do que o corpo pode transpassar suas possibilidades. Nesse sentido, Fagundes (2022) em se tratando desse corpo insatisfeito e em desejo constante de acontecimento e de acontecimento com perfeição traz, em seus escritos, algo da vivência da tentativa da completude, mas que hoje enxerga isso para além das limitações que esse não perfeito impõe e que, são essas mesmas limitações que também abrem espaço para novas saídas. Para um olhar além dos limites dos quatro cantos em sala de aula, dos tempos marcados em 5,6,7,8, dos espelhos e de tudo aquilo que paralisa e limita o sujeito-bailarino de transcender as possibilidades de um corpo falante. Assim, o que é possível se formular, nas condições defendidas por Lacan e à luz da sublimação, o que acontece (en)cena, com o bailarino, é expressar no corpo, aquilo que, logicamente, é irrepresentável e impossível de se dizer. É dar dignidade à Coisa (*dasding* – objeto perdido), através do objeto que, nesse caso, se configura como o corpo em cena (LIGEIRO, 2021).

Ainda nesse sentido, que corpo, pulsão, desejar e sublimação, podem estar ligados a uma tendência e a uma energia à morte ou à pulsão de morte, Lazzarini (2006), mais uma vez, aponta para uma corporeidade incumbida e fundada na dor, na angústia e no trauma e que pode ter esse pensamento efetivado, pela fala do bailarino, exprimida anteriormente, onde é colocada a dor e o sofrimento, como fundantes do prazer. Isso, porque o ballet clássico traz uma conotação de busca incessante pela perfeição e que o sujeito pode observar que essa perfeição se trata de um impossível ou de um possível doentio, podendo acarretar inscrições no corpo dessa dor e dessa angústia do não realizável, sendo exprimidas pela anorexia, bulimia, compulsão alimentar. A mesma autora ainda aponta para a relação existente entre a sexualidade, investida pela pulsão sexual e a pulsão de vida e de morte, que permitem reestabelecer um equilíbrio naquele corpo dançante.

A psicanálise aponta que a pulsão sexual se liga ao princípio do prazer e necessita de um objeto fantasioso para se efetivar, investido por uma energia libidinal, porém, é necessário que a pulsão de morte advenha para que haja um equilíbrio de investimento e que haja uma fluida relação entre a dor, a angústia e a realização do desejo, inscrita no corpo encenado. Nesse sentido, também se diz de uma repetição pulsional, que acontece e se afirma por nunca se encontrar uma satisfação total (LAZZARINI, 2006). Esse fato irrealizável da pulsão motiva o sujeito-bailarino a continuar desejando o que lhe está em falta, em ausência.

Diante do exposto, se diz de um corpo doador de sentido, de um corpo Freudiano, de um corpo pulsional e que, para que aconteça e se efetue, é necessário que haja, por parte do corpo dançante, o investimento de uma imagem, que acontece mediado pelo simbólico e se realiza a partir de um desejo inconsciente, que perpassa por um lugar de passagem do Outro, de onde advém o sujeito (LAZZARINI, 2006).

Em consonância a isso, a psicanálise, o ballet clássico, o corpo e as linguagens possíveis entre essa complexa relação, estão sempre na incumbência da alteridade do ato, sendo ele de corpo ou não, e sempre apontam e direcionam o sujeito a uma realização desejante, mesmo que essa realização possa perpassar pelo campo do perigoso e esbarre nas linhas que um gozo mortífero pode anunciar, no que concerne à vulnerabilidade e ao risco. Nesse sentido, ao sujeito do ballet clássico seria “incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada a toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (BONDÍA, 2002, p. 25). Isso



posto, Nietzsche também aponta para um diferente que é instaurado pelo ballet, quando diz que “aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música”. Assim, “o “eu moral” de Nietzsche relaciona-se à dança pela constituição do “si mesmo”, que é “infalável e singularmente absoluto”” (FAGUNDES, 2022, p. 18).

#### 4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, o trabalho em questão pôde apresentar a complexa relação entre corpo e dança, reconhecendo os seus atravessamentos pela pulsão e pela linguagem, conceitos caros à Psicanálise e que tocam no princípio fundamental da constituição do Eu. Pôde-se observar que a relação do sujeito com o corpo perpassa a estrutura do inconsciente, muitas vezes recalcado e reprimido, ascende ao desejo e exprime a alteridade como efeito desse (des)encontro entre o corpo biológico e o corpo falante. Ademais, diz de um desejo de algo antes vivenciado e que deseja ser efetivado, em dado momento da existência.

Foi possível constatar que há possíveis associações entre a psicanálise, o corpo e a dança e que essa relação está incumbida e embebida em fontes pulsionais, de sexualidade, de libido, de desejo e de constituições primordiais e constitutivas do Eu, sendo articulados à dança conceitos como pulsão, gozo, linguagem, inconsciente, libido.

Sendo assim, é possível apontar para discussões possíveis e necessárias aos campos de estudo aqui elencados, as literaturas revisitadas ao longo deste trabalho são um meio de pesquisar com maior robustez temáticas que possam contribuir para a construção de uma epistemologia, como também, destacar como essa discussão psicanalítica pode assinalar a importância da temática e da discussão sobre a dança, sobre o sujeito no ballet clássico que não só dança mas pode elaborar algo do seu inconsciente entre um passo e outro.

#### REFERÊNCIAS

CATANI, J. Histeria, transtornos somatoformes e sintomas somáticos: as múltiplas configurações do sofrimento psíquico no interior dos sistemas classificatórios. v.47. no.86. São Paulo, 2014.

CAMPOS, Moema Fiuza; SANTOS, Kátia Alexsandra. O PADRÃO CORPORAL FEMININO NO BALÉ: UMA LEITURA PSICANALÍTICA. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 17, n. 3, p. 217-240, 2019

DUNKER, Christian, 2017. 1 vídeo (10:10 min). Publicado pelo canal FalandoNisso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CpKNP7SbyMI&t=1s>

FAGUNDES, Alice Lopes Caldas. Coreografando clínicas: ensaio dos possíveis entre dança e psicanálise. 2022. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2022.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). Obras completas vol.14. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915). Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Autêntica.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria (1893-1895). Obras completas vol.2. Tradução: Laura Barreto. Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Obras completas vol.6. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras

GIL, Antônio Carlos, 1946 - Como elaborar projetos de pesquisa /Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. Psicologia: Teoria e pesquisa, v. 22, p. 241-249, 2006.

LIGEIRO, Vivian Martins. Testemunhos do vazio: o valor da sublimação na psicanálise. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 24, p. 721-745, 2021.

LINDENMEYER, Cristina. Qual é o estatuto do corpo na psicanálise? Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 341-359, dez. 2012.

LISPECTOR, Clarice. A Hora da Estrela. Rio de Janeiro, p.16. 1977.

MACÊDO, Kátia Barbosa. Corpo e sintoma no paciente somatizador: uma visão psicodinâmica. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 24, p. 1-11, 2021.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS-Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. Reverso, v. 33, n. 62, p. 55-67, 2011. NETO, Esperidião Barbosa; ROCHA, Zeferino. Corpo cuidado, esquecido e simbólico. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 16, n. 2, p. 7-24, 2013.

PREVIDELLO, João Pedro Gomes; SALVADOR, Isadora Nicastro; DE SOUSA PALMA, Claudia Maria. O corpo ao pé da letra: O sintoma entre o saber e o gozo. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 19, n. 1, p. 166-186, 2019.

ROTEIRO, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem [online], v. 2, 2007.

STENICK, M. A imagem do corpo. Belo Horizonte: Reverso, 2010.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, pela força, discernimento e sabedoria. Pela perseverança nos momentos de solidão e de dificuldade. Por ser meu alicerce e por não me deixar levar pelo desânimo e pelos abalos diários, que são colocados para nós, enquanto sujeitos, diariamente.

Ao meu orientador, mestre e inspiração, Prof. Me. Edivan Gonçalves, pela orientação e direcionamento corretos para a escrita desse trabalho e por toda a trajetória trilhada juntos. Por toda a parceria, amizade e afeto construídos durante esses 5 anos de graduação. O senhor foi e é ponto alto na minha formação enquanto psicóloga, me inspirando e incentivando a sempre trabalhar eticamente, corretamente e em direção a algo além da teoria: ao trabalhar com humanidade, amor e desejo incessante pelo que a psicanálise se propõe.

À minha banca, Prof. Me. Pamela e Prof. Me. Thiago, por aceitarem dialogar comigo a temática do meu trabalho, desenvolvida até então e, de maneira eficaz e positiva, contribuírem para uma constante evolução do mesmo. Muito obrigada pela

parceria até aqui firmada!

Às minhas amigas de curso e de vida, Carol, Helen, Rafa, Virgínia, Laila, Mirella, Pedro e Érika, que durante toda a graduação, me deram ânimo, incentivo e amizade, tornando a caminhada mais leve e construtiva. Também foram e são responsáveis pela construção de uma Cecília mais humana, mais potente, mais forte, mais ampla, mais aberta e mais amorosa. Vocês me deram amor, leveza e parceria durante essa caminhada! Me mostraram e mostram, todos os dias, uma amizade firmada na parceria, na sabedoria, na paciência e no comum apoio. Obrigada por existirem e serem

Ao meu ciclo de amizades extra universidade, Victória, Maria, Anne, Edgley e Pedro que, desde os primórdios da escolha do curso, me acompanharam e sempre estiveram presentes, apoiando e reforçando acerca da minha capacidade para me tornar a profissional que sou hoje. Obrigada pela amizade sempre forte, presente e real e que, mesmo com o tempo, só se mostrou consistente, verdadeira e solícita. Vocês são alicerces consistentes e reais em minha formação enquanto pessoa e, em extensão disso, enquanto profissional. As virtudes da nossa amizade são reflexos da profissional que se forma agora. Muito obrigada!

À minha família extensiva que, com todo amor, união, fortaleza e densidade me sustentam, me animam e me incentivam a seguir nos caminhos da formação na universidade da teoria e da vida. Obrigada por me ensinarem valores e vivências, que a universidade em sua extensão, não é capaz de ensinar. Obrigada por me darem tranquilidade, afeto e parceria nessa jornada e por apenas somarem, nos meus dias, na minha formação e na minha alegria diária. Nossa família é um ponto fora da curva e agradeço a Deus, todos os dias, por me permitir estar nessa rede de amor, de apoio constante e de união e estendo o meu agradecimento à minha avó, Therezinha Almeida (*in memoriam*), por ser nosso anjo da guarda e o reflexo da família que somos; ao meu avô Luiz Leal, por ser exemplo de fibra e de discernimento para a nossa família; ao meu avô José Paulino (*in memoriam*), por trazer leveza e alegria, através de suas brincadeiras; e à minha avó Edith/Francisca Xavier (*in memoriam*), por sua tranquilidade e doçura.

À minha família, Pedro, Fernanda e Josafá, que ampliaram seus esforços e dedicação para que esse curso pudesse se estabelecer, se efetivar e me fazer colher bons frutos dessa formação. Vocês são minha força, minha direção e minha motivação de conquistar tudo aquilo que almejo! Vocês, até quando não mereço, me ofertam o melhor de vocês: amor, paciência, sabedoria, acolhimento, credibilidade, incentivo, força. Vocês acreditam em mim, quando nem eu mesma sou capaz disso! Obrigada por serem meus alicerces e por nunca desistirem de mim!

Ao meu namorado, Reidson por, durante quase 2 anos que está comigo, acompanhando meu processo de formação, se alegrar com minhas conquistas, me incentivando a seguir no caminho e estar sempre em busca do melhor que posso oferecer! Você representa na minha vida e na minha trajetória, leveza, companheirismo, parceria, compreensão, discernimento, paciência e amor. Você foi e é constantemente, meu parceiro fiel, que me acompanha nas madrugadas adentro e me ajuda a não desistir, que me auxilia a ser uma pessoa melhor e a enxergar a realidade sob uma nova perspectiva. Obrigada por ser essa imensidão de coisas boas na minha vida, meu amor!

À minha mãe, Fernanda Leal, em específico, por ser leal e comprometida com a minha formação para além de uma profissional. Por me ensinar a “ser gente”! Por trilhar junto a mim nessa formação, me direcionando e encaminhando sempre para oportunidades acadêmicas de valia e de referência. Você que representa minha maior fonte de inspiração acadêmica, de vida, de força e de resiliência! Da construção de vários possíveis nessa longa estrada da vida e por me ensinar, com sua própria história de vida, que a educação e o estudo nos levam para lugares que o dinheiro, sozinho, não é capaz de fazê-lo. Sua história de vida me motiva a buscar estar no mesmo caminho e a também construir uma trajetória de belezas e de

consistência. Você é minha inspiração diária! Obrigada por me escolher como sua filha e por cumprir um papel de mãe, sempre desejante! Desejante de um futuro promissor e de êxito para seus filhos: eu e Pedro, meu irmão. Você me faz viva!